

Sumário

Prefácio	9
Introdução	11
PARTE 1 — DINÂMICAS DE RENOVAÇÃO	25
1. Modelos bíblicos de renovação cíclica e contínua	27
Modelos de renovação cíclica	28
Um modelo de renovação contínua	39
2. Precondições para a renovação contínua	49
Conhecer a Deus e nos conhecermos	50
As profundezas do pecado	54
A carne	58
O mundo	63
3. Elementos primários da renovação contínua	65
Justificação	68
Santificação	73
O Espírito Santo que habita o interior	93
Autoridade no conflito espiritual	108
4. Elementos secundários da renovação contínua	121
Orientação para a missão	122
Oração de dependência	128

A comunidade dos crentes	138
Integração teológica	150
Desculturação	164
PARTE 2 — RENOVAÇÃO NA IGREJA	183
5. A renovação da congregação local	185
Renovação individual	192
Renovação coletiva ou estrutural	207
6. A lacuna da santificação	215
A origem da lacuna	218
Fechando a lacuna	222
7. Quando os avivamentos não são bem-sucedidos	225
A carne e o mundo como	
fatores do avivamento aberrante	230
Satanás como agente	
causador do avivamento aberrante	242
Fatores teológicos no avivamento aberrante	250
Notas	261

Introdução

Este livro é um manual de teologia espiritual, disciplina que combina a história e a teologia da experiência cristã. Os cristãos católicos há muito reconheceram a existência e a importância desse estudo, e já é tempo de os protestantes perceberem que eles compartilham com os católicos de um interesse profundo e de uma herança rica em espiritualidade cristã.¹

O motivo que nos leva a escrever este livro é o aflorar de um despertar espiritual nos Estados Unidos na década de 1970, associado aos movimentos evangélicos e carismáticos, mas cujo impacto se estende para muito além deles. Durante décadas, estudei a história e a teologia dos despertamentos religiosos no cenário da história geral da experiência cristã. Ao fazer isso, procurei isolar as correntes principais de vitalidade espiritual que fluíram através de toda a história da igreja e determinar os princípios que regem sua força. Pouco a pouco, cheguei a formular uma teoria geral de saúde espiritual individual e corporativa. Parte de minha intenção, ao divulgar este livro através de um canal especializado em ministério universitário, é ajudar a orientar o grande número de jovens convertidos que estão hoje saindo de nossos campi, como aconteceu comigo nos anos 1950, sem nenhuma formação religiosa, para ajudá-los

a compreender o movimento espiritual do qual fazem parte. Esses novos cristãos têm poucas diretrizes e poucos guias equilibrados e teologicamente completos para instruí-los a desenvolver e a manter sua comunhão com Deus.

Em um outro nível, este livro oferece um plano geral para reforma e renovação da igreja cristã. Em vários aspectos, é uma atualização do *Pia Desideria* (1675) de Philipp Spener, com que Spener expressou seu desejo de reforma na supostamente reformada Igreja Luterana.² Creio, no entanto, que reforma e renovação já estão em andamento, como estavam quando Jonathan Edwards começou a produzir seus textos para examinar o Grande Avivamento e se sintonizar com ele, para interpretar seu significado para os inimigos desse Avivamento e corrigir os pontos fracos entre seus amigos. A teologia de avivamento de Edwards, portanto, é outro modelo importante para este livro e uma fonte de sabedoria na qual me inspirei constantemente durante sua composição.³

A espiritualidade, de várias formas, é tratada como o enteado negligenciado do movimento cristão. Muitas vezes, é reduzida a uma cobertura emocional que recobre a superfície de outras partes do cristianismo, consideradas mais substanciais e importantes, como a manutenção da doutrina saudável, o correto envolvimento social ou a política institucional. Mas poucas vezes é reconhecido como sendo o alicerce indispensável, sem o qual todos esses ingredientes perdem a força e se desintegram. Em partes da igreja, uma espiritualidade pouco profunda é o pão com manteiga da experiência diária, mas é quase invisível como questão de preocupação séria entre seus líderes porque ou é vista como coisa normal ou, inconscientemente, é vista com desprezo. Outras partes da igreja criaram um maquinário complexo para a perfeição espiritual que intimida os leigos e a maioria dos líderes. Outros setores ainda negligenciaram um programa de desenvolvimento espiritual porque concluíram

que é muito difícil ou que nem vale a pena ser empreendido. Em muitos desses ambientes, a teologia espiritual, cuja existência nem sequer é reconhecida, é capaz de ser dispensada como “mero pietismo”.

Isso revela um grande mal-entendido sobre a identidade histórica do pietismo e do puritanismo, os dois irmãos teológicos que fortaleceram o desenvolvimento protestante com missão evangelística e ação social nos séculos XVII e XVIII. Ambos os movimentos aprenderam a reconhecer que reformar doutrinas e instituições na igreja era fútil, a não ser que a vida das pessoas fosse reformada e revitalizada. Nesse sentido, fica claro que a Bíblia é um manifesto “pietista”, embora condene a introversão emocional de algumas formas posteriores do pietismo. A mensagem bíblica insiste que devemos guardar nosso coração porque dele depende toda a nossa vida (Pv 4.23). Ela nos diz que a maior eloquência, o conhecimento teológico e a dedicação à caridade social nada serão sem o amor (1Co 13.1-3). *Agape* não é um mero subproduto emocional de ação e, sim, um derramamento sobrenatural da graça de Deus, inspirando todo o nosso comportamento com a vida de Cristo. É o amor que Deus “derramou [...] em nossos corações por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu”. Esse tipo de amor, como Agostinho não se cansava de dizer, é o pivô da vida na igreja.

Hoje, o objetivo de muitos cristãos, tanto em comunidades católicas como protestantes, é *ecclesia reformata semper reformanda*, ou seja, uma igreja reformada sempre deve ser reformada. Os puritanos e pietistas redescobriram uma verdade que está clara na tradição agostiniana: a precondição de reforma perpétua é a revitalização espiritual da igreja. Lutero havia compreendido isso; ele atribuiu muitas das distorções que surgiam na vida da igreja, durante sua longa história, à sua origem na perda da doutrina da justificação pela fé; e avisou que, se isso se perdesse

novamente, todas essas distorções tornariam a aparecer.⁴ O que ele pode não ter reconhecido plenamente é que o entendimento da justificação era um dentre muitos fatores que determinam a vitalidade espiritual e que, se faltassem outros fatores ou se eles não estivessem articulados na experiência da igreja — tal como a profunda convicção da santidade de Deus e da necessidade do homem que impeliu o próprio Lutero em direção à santificação —, então, mesmo que a igreja aderisse à justificação pela fé somente, ela sofreria distorção em outras dimensões.

Os pietistas alemães contrabalançavam a ênfase de Lutero sobre a justificação com um desenvolvimento mais forte do ensinamento que ele fazia sobre a santificação, e reafirmavam sua convicção de que a vida da igreja dependia da condição espiritual de seu povo. A. W. Boehm, o agente ecumênico do Pietismo Halle, em Londres, declarou isso com muita clareza. Ele descartava muito da atividade na igreja como um produto inerte do condicionamento humano:

A fé, como agora está na moda, nada mais significa do que uma rígida aderência a uma certa seita ou denominação de homens e uma defesa zelosa de certas doutrinas particulares que tenham sido recebidas e aprovadas por esse grupo. Todos os ingredientes de tal fé nada são a não ser educação, costume, tradição, persuasão, conversação, etc. O zelo que os acompanha é o produto do egoísmo e da razão corrupta, os dois grandes geradores de seitas e de grupos partidários.⁵

Para Boehm, a maior parte da igreja evitava as questões de reforma e renovação pessoal, o expurgo do egoísmo e a purificação da mente, que eram de importância primordial no Novo Testamento:

O *verdadeiro cristianismo*, de acordo com sua constituição intrínseca, é um princípio vigoroso, sediado no centro interior da alma, controlando por seus preceitos todas as ações que

dela procedem; mas o *cristianismo*, agora em moda, quase não toca de maneira alguma o coração [...] o *verdadeiro cristianismo* é uma criação de Deus. Mas os defensores do falso cristianismo não se erguem *acima de si mesmos*, fabricam, porém, todos os seus deveres religiosos como se fosse possível a partir de suas próprias entranhas. Nisso, nada há do céu, nem da graça, nem da natureza divina.⁶

Em grande parte, a ênfase da vida da igreja era, portanto, excêntrica, periférica à preocupação central do evangelho:

Outra característica do *verdadeiro cristianismo* é sua preocupação com o *que é essencial e importante* na religião; como é a grande obra da *fé* e do *novo nascimento*, com as demais virtudes cristãs que livremente a acompanham [...]. Mas o *falso cristão* está principalmente, se não somente, ocupado com a parte cerimonial e alguns pontos *acessórios e circunstanciais*. Ele apresenta em cada época, se não em cada ano, novos esquemas, novos modelos, novos projetos de religião. Em certa época, ele a modela nessa fôrma, e em uma fôrma diferente em outra época, segundo o capricho dos tempos e o interesse dos homens, que com ele têm grande influência em questões religiosas. E, nesse compasso — ai! —, a *substância* do cristianismo fica negligenciada em meio a tantos *esquemas*, criados sob a pretensão de sustentá-la!⁷

Boehm, como seus mentores Spener e August Hermann Francke, predisse que a igreja, por fim, se libertaria de ser modelada por esses ventos de doutrina quando, então, concentraria sua preocupação na prática e nos princípios da piedade:

Haverá um tempo em que a igreja de Cristo *subirá do deserto* dessas várias seitas, partidos, nações, línguas, formas e modos de culto, livre de cruzeiros e aflições, *recostando-se no seu amado*, e no poder dele, enviando desafios a todos os seus inimigos. Então, essa igreja, que agora aguarda como a manhã a sua aurora, depois de um crescimento contínuo em força e beleza, *aparecerá terrível como um exército com bandeiras*; mas terrível apenas

para aqueles que a desprezaram, enquanto não havia chegado à maioria, e não quiseram que seu amado reinasse sobre eles.⁸

Os grandes profetas e pioneiros da renovação evangélica que aguardavam essa revelação máxima da grandeza da igreja enfatizavam, constantemente, que esse objetivo só poderia ser alcançado através de uma estratégia de revitalização espiritual, combinada com reforma doutrinária e estrutural. Eu também tenho essa convicção. Os instrumentos por meio dos quais Deus opera na igreja são os seres humanos. Se nosso coração e nossa mente não forem transformados apropriadamente, nos pareceremos a músicos que tocam instrumentos desafinados ou a técnicos que operam computadores danificados ou mal programados.

A afinação do coração é essencial para o fluir da graça. E isso não é para enfatizar a fé e a experiência acima das obras, dos pensamentos e da ação social. Devemos não só visar à construção das estruturas do reino de Deus, mas também reconhecer que só as criaremos através da transformação de nossa experiência. Concentração em reforma sem avivamento leva a odres sem vinho; a concentração no avivamento sem reforma faz com o vinho se perca por falta de odres.

Vários problemas que perturbaram a igreja no século XX só são passíveis de solução se voltarmos ao cerne vital do ensino bíblico que trata da experiência cristã, assim como as lutas desassossegadas da igreja medieval tardia só puderam ser resolvidas quando Lutero atingiu sua raiz espiritual com a doutrina da justificação. Muitas desavenças na igreja de hoje podem ser esclarecidas pela aplicação de um entendimento equilibrado de dinâmicas espirituais. Em primeiro lugar, grupos diferentes dentro da igreja têm divergência porque seu modelo de vida cristã, seu início e sua plenitude, são muito diversos.